

## **1- A política torna possível a fé!**

A fé ou se constitui numa *praxis* ou não é! A fé ou implica o agir transformador ou é mentirosa. Como resume a 1.<sup>a</sup> Carta de São João (1 Jo 4, 20), *“Se alguém disser “Eu amo a Deus”, mas não amar o seu irmão, esse é mentiroso; pois aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê”*.

A política torna possível a fé. Se é verdade que a fé e a política não se confundem, nem a vivência de fé se reduz ou circunscreve à intervenção política, também é verdadeiro concluir que sem a política, a fé não se torna possível. A política apresenta-se, pois, como dimensão essencial da fé. Deste modo, é impossível crer autenticamente não participando da política.

Se ao cristão se coloca o imperioso dever de ser conseqüente com a expectativa da Cidade Nova, com o Reino, no sentido de construir a Cidade da fraternidade humana, em marcha neste mundo, numa elevação da consciência social e política, facilmente se dará conta de que a grande solução não está em actos de misericórdia, mas no grande e continuado acto de Justiça Social. Então, a esperança cristã irá desencadear um dinamismo irresistível de compromisso total, de compromisso radical (radical – que vai até à raiz, em profundidade) na transfiguração da vida e da História.

Muito para além de uma vaga sensibilização ou indignação ética, o que distingue o cristão é o apurado sentido do “dever sobre o que ainda não é”, num olhar e ver correctamente a realidade, num nível estrutural e crítico, para poder agir, eficazmente, numa linha transformadora.

Neste sentido, o Marxismo apresenta-se, para muitos dos cristãos, como um importante método científico, como fundamental instrumento de análise da sociedade em ordem à sua transformação, o que pressupõe, necessariamente, uma acção política, na qual podemos encontrar dois elementos essenciais: um elemento científico de conhecimento ou análise da realidade; e um elemento utópico de construção de uma nova sociedade e de um novo tipo de Homem.

Neste quadro, Marxismo e Cristianismo não se excluem, nem se antagonizam. Tratando-se de registos diferenciados de interpretação da vida, poderão estabelecer-se formas dinâmicas e fecundas de reciprocidade.

O Marxismo permite o estudo científico dos mecanismos económicos e sociais que determinam a marcha da História. Por isso, o Marxismo não permite uma leitura da realidade dissimuladora dos aspectos estruturais das relações sociais e das contradições geradas pelo sistema. Nem mascara a natureza conflituosa dos interesses entre classes e povos, como explicita a violência instituída no sistema de poder. Quer através do olhar às estruturas de opressão dos homens e dos povos, quer pela compreensão do fundamental impacto do económico e, em especial, das relações de classe na vida política e cultural, o Marxismo ensina a comportar-se perante a realidade, não como diante de um facto determinado, mas como diante de uma obra a criar.

Mantendo a distinção e a autonomia dos dois planos, o Marxismo permite ao Cristianismo descobrir a possibilidade e a urgência de a Humanidade se arrancar ao já construído, ao já feito, à ordem estabelecida, à alienação. O Cristianismo traz ao Marxismo a sua dimensão transcendente, profética, impedindo-o de se fechar na sua suficiência e abrindo-o a um futuro de transformação sem fim. O Marxismo traz à fé a sua dimensão histórica, militante, impedindo-a de se evadir do mundo das lutas humanas e obrigando-a a concretizar aí a sua promessa e a sua esperança, a fim de não ser o ópio, mas o fermento.

Deste modo, não existe qualquer nível de incompatibilidade entre o ser cristão e o ser marxista. Tendo como base teórica o materialismo dialéctico, enquanto grelha do conseqüente agir transformador da História, sabendo que o Marxismo se funda numa teoria que exclui toda a transcendência, também sabemos que a ciência marxista, enquanto análise histórica das contradições da realidade social, se situa para lá da afirmação ou da negação da possibilidade da existência de Deus.

## **2- A fé requer o materialismo**

Pela forma como fui aprendendo a ser cristão é que aderi ao PCP. Foi por ser cristão, pela forma como estava acontecendo a aprendizagem de católico que emergiu a militância político-partidária. Em grande parte das situações não se verificará umnexo causal entre uma e outra componente. Comigo, como com tantos outros homens e mulheres, a trajetória de vida enquanto cristão é que me favoreceu a aproximação ao PCP, na medida em que se foi transformando em mim a consciência social e política.

Desde cedo, como cristão, aprendi a compaixão para com os oprimidos. Fui descobrindo o Cristianismo como um caminho totalmente concentrado no serviço ao próximo. E quando quis ser padre, desejava-o para me tornar um “servo da Humanidade”.

Proveniente de meio familiar e social de um “cristianismo satisfeito”, imerso num cristianismo burguês, foi a inserção em lugares sociais de extrema pobreza, e, sobretudo, através do aprofundamento do estudo da Teologia (nos livros que os professores não recomendavam na UCP, onde fui estudante, na aproximação ao cristianismo mais consequente) que aconteceu uma transformação do olhar e das opções.

Em Lisboa, no Seminário dos Olivais, passei a integrar a equipa dos assistentes da Acção Católica, que corporizavam um Cristianismo mais aberto e progressista, com uma visão da fé como acção em movimento, vinculando a fé com a vida concreta e onde se assumia o desafiante e indomável dever de agir.

Nos anos 80, as primeiras aproximações aos teólogos da libertação constituíram acontecimentos de referência. Na Teologia da Libertação foi-se desenvolvendo a IDEIA CHAVE de que A FÉ NÃO É UMA IDEOLOGIA E O MARXISMO NÃO É UMA FÉ. Isto questionava e fazia quebrar preconceitos, pois as pessoas acreditavam que abraçar o Marxismo era abandonar a fé, não se podia ter fé e adoptar o Marxismo.

Então foi possível aprender como o Marxismo era um método de análise, não um dogma, não um catálogo de crenças. Como disseram os principais mentores do movimento “Cristãos pelo Socialismo”, onde se destacou Júlio Girardi, o Marxismo é como que “*óculos e colírio que fazem ver de forma mais clara e crítica a opressão que recai sobre os pobres na sociedade capitalista*”. O Marxismo constituía, assim, para muitos daqueles cristãos a indispensável mediação para o entendimento das razões porque sofrem tanto os pobres e para o descobrir de pistas de luta para a superação da pobreza. Para os “Cristãos pelo Socialismo”, o Marxismo impossibilitava que a fé se tornasse em ópio, mas em fermento de transformação da História.

No plano pessoal, houve um acontecimento marcante, os livros e a figura de Leonardo Boff. Em 1981 foi publicado “*Igreja: Carisma e Poder*”. Quando veio a Portugal, naqueles anos, aquele professor de Teologia foi impedido de fazer uma conferência na UCP sobre o livro diabolizado pela generalidade dos bispos.

Entretanto, na UCP, em Lisboa, iniciaram-se os meus primeiros contactos com comunistas que então estavam na Faculdade de Filosofia.

Nos anos 80 estávamos na etapa de afirmação pujante da “igreja dos pobres”, da “igreja dos espoliados”, da “igreja-povo”, das “comunidades eclesiais de base” como forma alternativa “*de igreja para as vítimas da acumulação capitalista, em contraposição com a Igreja tradicional*”<sup>1</sup>.

Determinante foi acompanhar muitas das exigências da “opção preferencial pelos mais pobres” e, em especial, na América do Sul, o modo como amplos sectores da Igreja encarnavam a luta de classes.

Sobre o Marxismo na sua relação umbilical com a praxis cristã, multiplicavam-se então os exemplos concretos. Frei Betto descreve articulações directas com o PCB, em “*Baptismo de Sangue*”. Descreve o profícuo diálogo entre Marxismo e Cristianismo, e também a ligação dos dominicanos no Brasil, nos idos anos 60, dos processos da Esquerda e no apoio à luta armada na Igreja. Nas “*Cartas da Prisão*”, relatava como eram dadas aulas de Marxismo aos comunistas porque, curiosamente, o melhor manual de Marxismo que havia à época era de um jesuíta francês (Jean-Yves Calvez, “*La pense de Karl Marx*”).

Foram contribuindo para a transformação da minha consciência social e política o conhecimento do bispo Óscar Romero, assassinado na catedral pelo exército de El Salvador, a 24 de Março de 1980; a história de Ignacio Ellacuría, reitor da Universidade Centroamericana de San Salvador, e dos seus companheiros jesuítas assassinados a 16 de Novembro de 1989; os irmãos Fernando e Ernesto Cardenal (escreveu “*Cristianismo e Revolução*”), tão comprometidos com o poder sandinista na Nicarágua; e a longa batalha do P.º Alípio de Freitas e seus companheiros, português (foi padre comunista organizado no Brasil), e aquele que foi o seu “Combate nas Trevas”.

De entre tantos e tantos outros processos da Teologia com o Socialismo e a acção revolucionária, gostaria de destacar um referencial que me seduziu, abalou e requereu opções vitais:

<sup>1</sup> L. BOFF, “*Igreja: Carisma e Poder*” (Petrópolis, 1981), 169.

Camilo Torres e o cristianismo rebelde na América Latina. Padre guerrilheiro na Colômbia, morreu em combate, de metralhadora em riste, a 15 de Fevereiro de 1966. O seu pensamento e acção como católico incontornavelmente revolucionário continua acutilante e a interpelar-nos. Mas, houve um tempo em que as suas palavras de fogo contribuíram para uma opção fundamental. Camilo Torres deixou a Igreja mais instalada de Bogotá; integrou-se na luta, e teve desempenho relevante nas ligações às FARC e na organização do “Exército de Libertação Nacional da Colômbia”. Foi um perigoso combatente, um cristão subversivo, conseqüente. São fortíssimas as suas palavras: *“Não deporei as armas enquanto o poder não estiver totalmente nas mãos do Povo”* (baseava-se no texto evangélico, *“se na hora do partir do pão saibas que alguém, algum teu irmão tem algo contra ti, deixa tudo, reconcilia-te primeiro com ele, e só depois vem...”*). Naqueles dias, aquela praxis cristã colocava o desafio aos padres quanto à luta armada. Em todo o fundamento teológico para a luta, muito bem estruturado e coerente, naquele que era o desempenho dos “intelectuais orgânicos”, diziam-se as palavras de Victor Hugo, quase como slogan na reflexão dos cristãos sobre a luta armada: *“Quem poupa o lobo, sacrifica a ovelha”*.

Teríamos por obrigação falar de tantas outras influências. O que importa dizer é que houve um contexto em que se foi processando uma “natural”, para não dizer “óbvia” articulação entre a aprendizagem cristã, na forma como fui aprendendo a ser católico com os conseqüentes compromissos políticos que se cruzavam com os ideais socialistas, num gradual processo de maturação em que o estudo da Teologia implicava o Marxismo.

Assim, mais do que uma questão apenas tática, quanto à necessidade de “colaboração entre comunistas e católicos”, o que já não seria, por si só, uma questão secundária, colocar-se-á também para muitos crentes, não só a existência de aspirações comuns, entre comunistas e cristãos, em sectores progressistas do Cristianismo, mas, de forma mais avançada, para muitos dos crentes, a fé requer o materialismo histórico, pois não há outra via no combate pela construção de um mundo outro, nas exigências e urgências de uma transformação da vida.